

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
SARAH MALDOROR, A POESIA DA IMAGEM RESISTENTE
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA
4 de setembro de 2021

AIMÉ CÉSAIRE, LE MASQUE DES MOTS / 1987

Um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / Assistência à Realização: Stéphanie Moore / Cameraman: Jean-Pierre Caussidery, com assistência de Michel Thimoreau / Som: Henri Roux / Entrevistas: Jacques Rey Charlier / Montagem: Danielle Anezin, com assistência de Vincent Roget / Comentário e poemas: Pascal Nzonzi / Produção: R.F.O. e La Sept / Participações: Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, Carlos Moore, Alex Haley, Maya Angelou / Cópia: Ficheiro, a cores, falado em francês e inglês, com legendas em francês e legendas eletrônicas em português / Duração: 46 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

REGARDS DE MÉMOIRE / 2003

Um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / Direção de Fotografia: Philippe Clapot / Montagem: Christophe Baudin, Julia Maspero / Som: Mathieu Daude, Jean-Pierre Lafarge / Assistência à Realização: Jean-Charles Germany / Participações: Aimé Césaire, Édouard Glissant, Roland Suvelor, Madeleine de Grandmaison, alunos do colégio Julia Nicolas / Narração: Greg Germain / Produção: Fabia Rosine / Cópia: Ficheiro, a cores, falado em francês, com legendas eletrônicas em português / Duração: 23 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 69 minutos.

Aimé Césaire c'est le grand des grands. Là, c'est la poésie pure.

Sarah Maldoror, *in* transcrição da entrevista realizada por Raquel Schefer (cortesia da própria), traduzida para português em *Angola: O Nascimento de Uma Nação – O Cinema da Independência, Volume III* (2015)

Esta sessão inscreve-se, *grosso modo*, numa espécie de “terceiro momento”, na carreira de Sarah Maldoror, que importa contextualizar. O primeiro momento, subsequente à sua formação sob a direção de Mark Donskoi, numa escola de cinema em Moscovo, consagra as colaborações com o italiano Gillo Pontecorvo para a realização da docu-ficção, controversa mas extraordinariamente significativa no âmbito de um cinema dito militante, cantando a resistência do povo argelino à ocupação francesa, **La battaglia di Algeri** (1966), e com o americano William Klein, num filme de celebração do pan-africanismo na cidade recém-libertada de Argel, **Festival Panafricain d'Argel** (1969). É embalada por estas experiências, com epicentro na Argélia e na luta do seu povo, que Maldoror se aventura no mundo da realização, onde parecia não haver lugar quer para o Terceiro Mundo, quer para as mulheres e, mais ainda, para as mulheres negras.

A negritude e o feminismo tornam-se bandeiras do seu cinema contra “o absurdo da tortura imperialista”, como o (d)escreveu num livro de homenagem à secção Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes (*Cinéma en Liberté: La Quinzaine des Réalisateurs à Cannes*, textos reunidos por

Pierre-Henri Delau, 1993). Efetivamente, foi em Cannes que mostrou ao mundo uma impressionante ficção sobre, como nota Raquel Schefer na entrevista citada em epígrafe, “a incompreensão entre colonizador e colonizado” e ainda, como reforça Maldoror, sobre “o valor da palavra”: **Monagambée** (1969). O segundo momento da carreira de Maldoror começa aqui, mas a internacionalização do seu nome dá-se com **Sambizanga** (1972), filme militante situado (mas não rodado) em Angola, o segundo grande centro político do seu cinema (depois, partirá para a Guiné-Bissau e Cabo Verde). Este filme, projeto de um país por nascer, foi realizado em colaboração com o marido, o poeta e fundador do MPLA Mário Pinto de Andrade e, a partir dele, Maldoror torna-se uma voz ativa e figura de proa do chamado “Terceiro Cinema”, representando a causa da libertação do povo negro das amarras do colonialismo. O terceiro e último momento tem centro em Paris, onde se fixa, trabalhando no formato do documentário televisivo e assumindo-se como grande divulgadora do pensamento pan-africano e anticolonial. Disse (citada por Yasmina Price em «Woman With a Weapon-Camera: On the work of Sarah Maldoror», *The New Inquiry*, 27 de agosto de 2020): “Desempenho um papel cultural como cineasta. (...) [A] nossa história foi escrita por outros, não por nós. Assim sendo, quem a vai contar? Penso que nos cabe a tarefa de defender a nossa história, torná-la conhecida – com todas as nossas qualidades e defeitos, as nossas esperanças e desespero.”

Em suma, o que se constitui no terceiro momento é um manual histórico e filosófico da negritude, movimento verdadeiramente internacional fundado no pensamento político e na poética de Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, Léon G. Damas e outros autores negros. Cantam-se, nesta/nestas sessão/sessões, os feitos de alguns heróis negros da luta contra o colonialismo, destacando-se em **Regards de Memóire** a figura, recordada pelo escritor martinicano Édouard Glissant, de Toussaint Louverture, grande líder da Revolução Haitiana, iniciada em 1791 e terminada em 1804, com a expulsão do governo francês do território. Aimé Césaire é evocado também neste documentário, o que se justifica pelo facto de, sendo um cidadão de raízes firmemente plantadas na ilha de Martinica, onde se tornou prefeito e deputado, falar ao mundo em nome de um povo amesquinhado pela sua condição, que se perpetua, de colonizado. Para Césaire, como o diz num documentário televisivo de Euzhan Palcy, **L’île veilleuse** (1995), o Haiti (onde passou uma estada importante como adido cultural, no início da sua carreira na política) e o exemplo do herói Louverture representam a história de um povo que se bateu por si mesmo. Esta afinidade com a coragem destes rebeldes é enaltecida por Césaire não só na sua prática política, mas também, ou sobretudo, na sua poesia e dramaturgia.

Maldoror, como divulgadora do mundo pan-africano, vai ao encontro de Césaire repetidas vezes, tendo realizado cinco filmes sobre o poeta. Era, creio, uma forma de ir atualizando o seu pensamento crítico e partilhar conhecimentos que, por força de uma cultura ainda dominante em vários países, continuavam a ser desvirtuados ou ocultados (será este o “longo silêncio” que o poeta diz habitar, num dos seus poemas mais amados?). Maldoror, desta feita, vai a Miami para filmar os três dias de colóquio dedicados ao tema da negritude e em homenagem a Césaire. Frente a um auditório composto por políticos e poetas, Césaire discursa sobre o caminho percorrido no sentido de redignificar o Homem negro: “Aceitei esta homenagem, sobretudo porque pensei que me superava e, que através de mim, o que era honrado eram todos os escritores, poetas e ensaístas que durante mais de quarenta anos produziram uma reflexão sobre o Homem negro no mundo moderno”. O documentário de Maldoror serve, precisamente, para dar conta da forma como a negritude continua em expansão, obtendo um reconhecimento cada vez mais alargado, sendo, enfim, ouvida. “O combate da negritude é, infelizmente, sempre atual”, conclui Césaire frente a um grupo de jornalistas, à entrada do colóquio.

Luís Mendonça